LITERATURA DE CORDEL

EU E O CORDEL



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

O cordelismo faz parte
Da minha vida presente.
Mas o tenho como arte
Há 20 anos, recente.
Foi por mim utilizado
Como tema de mestrado
Para uma história docente.

De lá para cá cresceu
Meu interesse, o fervor;
O cordel me convenceu
A meu íntimo expor;
Confesso que finalmente,
Eu consegui realmente
Ser poeta sem pudor.

Pudor de sempre rimar
As estrofes e os versos,
As redondilhas usar,
Mesmo quando submersos
Em quadra ou em sextilha,
Em oitava ou em setilha,
Em *galopes* controversos.

Excetuando as trovas
Que no ginásio escrevia,
Uns sonetos em alcovas
A produzir me atrevia;
O tal do poema livre,
Com Drummond, *savoir-vivre,*
Era o que prevalecia.

Até o fim dos noventa
Cordel não foi opção,
Mas a História fomenta
Minha pós-graduação.
Ele então me sucumbiu,

Fortemente em mim fulgiu.
Feliz resignação.

Que então me despertou
Uma veia cordelista
E confesso estimulou,
De início bem simplista.
Esse dom desconhecia,
Pois na minha poesia
A rima era malvista.

O cordelismo, entretanto,
Transformou-se em andor,
Irrompeu sem acalanto
De modo avassalador;
Inspirando-me então
Uma baita produção:
Um Brasil revelador.

Uma história versejada
Desde o colonialismo
Em maior redondilhada
Até o republicanismo;
Ao impeachment recente
Da Dilma, ex-presidente,
Em sextilha, cordelismo.

Seu título é *Brasil*:
Do Sistema Colonial,
Quando tudo se erigiu
Até ao Neoliberal;
Com duas mil e quinhentos
Estrofes, até cruentas.
É uma visão bem geral.

Começa na formação
Do Estado Português

Com a *Aviz* ascensão
E a adesão do burguês.
Surgiu nova dinastia
Ditando a ordem-do-dia
Com todo o *juridiquês*:

"Naquela ibérica terra
Que do mouro se livrou,
Entre reinos que ela encerra,
Um deles se destacou,
Sob o rumo dos *Borgonha*,
Sem o que a contraponha
Um Estado se tornou.

Depois de *Ceuta* faceira,
Investiu no insulano:
Nos *Açores*, na *Madeira*,
Presunçoso, desumano.
Por um século inteiro,
Corajoso, aventureiro,
Fez o périplo africano.

Nessa fase teve início
As grandes navegações
Que funcionam como vício
Às lusas aspirações;
De novas terras achar
E às índias alcançar.
Boas especulações.

Após procuras diversas,
De maneira meia torta
Sob versões controversas
Finalmente aqui aporta.
Na verdade, o seu achado
Acabou interpretado
Como um erro de rota.

A Metrópole em fascínio
Instalou *pontos de luz,*
Feitorias, pra domínio
Da terra de *Santa Cruz.*
Tinham como objetivo
Evangelizar nativo
Segundo a fé em Jesus.

Logo, consequentemente,
Um forte lusitanismo;
Começa efetivamente
O nosso colonialismo;
Sem ninguém a interferir,
A colônia vai suprir
O luso mercantilismo.

Com a *Ibérica União*,
Fato incomum, invulgar,
Sua possessão então
A manteve, em *Tomar*.
Foi vantagem sem igual,
Pros lusos era vital
A colônia preservar.

No colonial, ainda,
Emergem insurreições;
Insatisfação infinda,
Por isso rebeliões:
Mascates e *Emboabas*,
Beckman, pelas beiradas
Da Coroa, possessões.

Houve ainda *Vila Rica*
E a *Mineira Inconfidência*
Provocando grande grita
E da Corte, prepotência.

Felipe e *Tiradentes*,
Retalhados, entrementes,
Para os lusos, coerência.

A estadia da Coroa
Portuguesa, realmente
Para o Brasil foi boa,
Foi plantar uma semente.
Fez a colônia madura
Pra cobrar sua fatura
E ficar independente.

Mesmo assim houve problema
De insubordinação
Seis províncias têm dilemas,
Formam *Confederação*.
Na Regência, *Setembrada*,
Abrilada, Cabanada;
De difusa inspiração.

No Sul teve a *Farroupilha*,
De gaúcha inspiração,
Quase guerra de guerrilha,
Pela emancipação.
República Rio-grandense,
Ideal garibaldense.
Teve curta duração.

No Pará a *Cabanagem*
Deixou forte a sua marca,
Teve grande octanagem,
Com *Malcher* e sua barca;
Mas *Vinagre* o derrotou,
Prontamente o matou;
Rodrigues o açambarca.

Outras revoltas porém

No Império eclodiram:
Liberal, que a si detém
Ideal que defendiam.
Luzia e *Saquarema,*
Cada um com o seu esquema,
Primazia pretendiam.

A *Praieira*, em Pernambuco
Foi revolta importante,
De parte à parte, retruco,
Para ser predominante.
Liberais, Conservadores,
Exercitam seus pendores.
Pro governo é desgastante.

Inda há muito a relatar
Do Brasil Imperial.
Há *Questões* a comentar,
Fronteiriças, afinal.
Mas o republicanismo,
Junto ao Positivismo
Se tornou primordial.

Na teoria, o reformismo
Em novembro inaugurado
Era um liberalismo
No sentido figurado;
Na prática, entretanto,
Eufemismo inconstante,
Muito caricaturado."

CONCLUSÃO

QUADRA

Encerrando esse cordel
Achei por bem demonstrar

Os modelos, qual bedel
Se apresenta, exemplar.

QUINTILHA

Considero o cordelismo
Forma única, invulgar
De contar uma memória,
Quase tudo de memória,
Num ritmo singular.

OITAVA

A cada ciclo vivido,
Cada participação,
Com denodo, aplicação
Mais interiorizado
O cordel é uma escola
Que resiste à intempérie,
Suplantando cada série
Ajudando o aprendizado.

DÉCIMA

O cordel já se tornou
Cada vez mais colossal
Qual planície abissal
Que em praia se transformou
E a todos convidou
Para nela se banhar,
Nela se purificar.
Com essa literatura
De rimada ossatura
Vir se dignificar.

GALOPE À BEIRA-MAR

O cordel é um dom que todo ser humano
Carrega guardado no fundo do ser,

Às vezes irrompe em notório saber
Naquele que vive além desse plano
E tem na poesia um saber soberano
Buscando entender o que é poetar,
Su'alma sensível lhe obriga a rimar,
Assim desvendando de modo profundo
Segredos ocultos desse nosso mundo:
Da terra, das plantas, do céu e do mar



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013